

ENCARANDO VITA DE JOÃO BIEHL. *VITA*.Gonzalo Díaz Crovetto<sup>71</sup>**1. Vita e Caterina, Caterina e Vita**

O texto *Vita* percorre dois caminhos: por um lado, encontra-se o centro Vita, espaço marginal de abandono social para pessoas com diferentes tipos de doenças não tratadas pelo sistema público de internação médica; por outro, a história de vida de Catarina, uma das pacientes internadas no centro<sup>72</sup>. Nesse sentido, a obra de Biehl nos faz pensar também em obras como *Tuhami*, de Crapanzano (1985), onde, tal como em *Vita*, há uma história de vida central, além da do próprio antropólogo. Mas, que é Vita e quem é Catarina? As respostas a estas perguntas chamam a atenção para a estrutura que Biehl escolheu para o seu texto etnográfico. Trata-se de uma lógica do descobrimento. O leitor, em conjunto com Biehl e sua experiência de campo, vai descobrindo, e por que não, vivendo, os passos da pesquisa, porém, numa ficção temporal apresentada nas margens da escrita etnográfica – quer dizer, de um presente onde os diversos passos são conhecidos.

A escolha de Biehl em conhecer melhor Catarina e o que ela e sua vida podiam lhe dizer, por meio de idas e voltas constantes à Vita marcadas por largos encontros com ela e com os *diários* que ela escrevia, levou-o a percorrer um caminho que foi além das falas e memórias. Ele escolheu, à diferença de Crapanzano, seguir as palavras de Catarina. Buscou seus arquivos médicos e de sua extensa família, para logo reler os próprios diários dela, querendo compreender uma doença não tratada e menos ainda classificada. Mostra, portanto, que engajamento pode ser também uma forma de conhecimento,

---

71 Doutorando em Antropologia Social pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Quando escreveu esta resenha o autor era beneficiário de uma Bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPQ).

72 Pesquisa desenvolvida por Biehl no momento em que ele se encontrava no Brasil pesquisando sobre o controle da AIDS para sua tese de doutorado, e depois ao estar vinculado a um programa de pós-doutorado em cultura e saúde mental.

incorporando nesse transcurso uma multiplicidade de vozes<sup>73</sup> - num claro processo dialógico. Cabe destacar que tal trilha de conhecimento centra-se no processo contínuo de contato entre Biehl e Catarina.

## 2. A corporificação de/em Catarina (*The embodiment*)

*To want my body / As a medication / My body*  
(Diários de Catarina, Livro II)

Esquizofrenia, psicose pós-parto, psicose psicogenética, psicoses sem especificação, desordem de humor, depressão, entre outras, foram enfermidades as quais Catarina não só foi diagnosticada, senão ainda, medicada e tratada, tornando-se rotina tal processo nas diferentes internações<sup>74</sup>, nos diversos centros psiquiátricos. Medicções que podiam causar os mais diferentes sintomas por trás daqueles estados, medicações não discriminadas, generalizadas; com as quais se adocece e/ou se é enquadrado num *ser farmacológico* (p. 199) depois de largos e inusuais períodos de prova e de bruscas alternâncias de receitas. Ou, pior ainda: a reação frente ao tratamento levaria à confirmação dos sintomas (p. 128). Nesse processo, ouvir a voz do paciente não existiria sequer como possibilidade<sup>75</sup>. Catarina entra na estigmatização identitária

---

73 Um dos aportes valiosos na empreendida de Biehl foi considerar as falas, seja as de Catarina ou dos outros habitantes de Vita, como *códigos de vida* (2005, p. 88). Tal consideração visualizou-lhe tanto as subjetividades imersas no processo de exclusão como a construção de narrativas que permitissem aos pacientes enraizar-se na realidade, porém conjugando memórias e desejos do presente futuro para afirmar tal laço.

74 As internações de Catarina nos permitem entrever o uso social legal do sistema de saúde, considerando que a hospitalização psiquiátrica no início não podia ser negada a um paciente. Ao mesmo tempo, as diferentes internações e as formas destas possibilitam a Biehl tratar dos diferentes *modus operandi* de diagnóstico psiquiátrico.

75 Nas palavras de Catarina, a demanda para ser ouvida se origina cedo, tão cedo como sua condenação à morte social, muito antes de chegar à Vita, através de uma desabilitação de seus papéis sociais, fomentado por uma escolha familiar e suportado pelo sistema de saúde psiquiátrico. Foi aí que começou sua exclusão, onde aparece alheia às suas próprias vontades, existindo um espaço social e cultural para que isso acontecesse. A esse respeito, apreciemos dois depoimentos de Catarina: “*I always had some medications to take. They said that they wanted to heal me, but how could they if they did not know the illness...they don't know the reason of my illness,*

de *ruim* (p. 124), não sendo nunca tratada, menos ainda inquirida sobre sua doença. Etnograficamente, o trajeto de Biehl apresenta-se como um desafio que foi capaz de entrever estas diferentes relações, atores e marcos de história e de memória, sem perder a voz e vivência de Catarina e, ainda, incorporar as falas dos outros atores envolvidos, numa interessante proposta dialógica. Há uma escolha pela visibilidade antes de mais nada, uma visibilidade-denúncia. Antropologicamente, as riquezas destas relações, como conceitualização, problematização e teorização não foram ainda profundamente abordadas ou confrontadas. O autor se apóia nos trabalhos de Veena Das para elaborar a idéia de *corporificação* de diferentes processos políticos em Catarina, mas também de como a dor e a emoção podem falar, permitindo, ao mesmo tempo, distinguir as diferentes relações e interligações entre espaços (locais, estaduais, nacionais), políticas, instituições e atores. Por outro lado, a releitura da idéia de *pharmakos*, de um moderno *pharmakos*, teria para Biehl a possibilidade de ilustrar como operaria, nas formas de exclusão, uma conjunção, implícita ou não, de instituições e moralidades na sociedade e na cultura. Nesta *dramaturgia do real* são utilizadas formas *legítimas* para distanciar as pessoas, confinando-as para uma morte social e transformando-as, conseqüentemente, em *ex-humanos*. Por último, o outro conceito que pretendeu transcender a obra transversalmente é o de *psicosis social*. Biehl aborda a doença vivenciada por Catarina - e pelo seu grupo familiar - ligada a um diagnóstico obtido a partir da conjunção de forças sociais, econômicas e políticas (p. 316), caracterizando uma doença que é imposta. O grande problema do autor é conseguir uma amarração conceitual, tornando-se difícil compatibilizar a proposta de apresentar uma etnografia do descobrimento, na medida em que aparecem, no decorrer do texto, novos elementos que podem ser olhados sob outro prisma. Em relação ao problema do *ensemble*, a constante repetição de personagens e suas po-sições na história de Vita e Catarina aborrece. O autor bem poderia ter colocado um quadro de parentesco para facilitar a sua narrativa.

Os arquivos médicos, e conseqüentemente a corporificação de doenças por Catarina, apresentam-nos diferentes momentos, formas de políticas

---

*my pain...* “ (Biehl, 2005, p. 87). “*The doctors listened only to him. I think that this is wrong. They have to listen to the patient. They gave me pills...*” (p. 94).

e lutas, que deambulam entre diagnosticar<sup>76</sup>, medicar e tratar os pacientes. Tem-se um marco histórico da própria psiquiatria e dos movimentos sociais para uma mudança das políticas nacionais e estaduais. No plano temporal, apreciamos a incorporação massiva dos pacientes nos institutos psiquiátricos para sua posterior *expulsão* a formas alternativas de cuidado, sem que existisse estrutura nas comunidades para receber de volta as pessoas, proliferando-se, assim, instituições como Vita (p. 138-139). Nesse sentido, radica a força da procura etnográfica de Biehl na *literalidade e o dia-a-dia deste processo*, na qual se geram novas formas de exclusão que determinam o curso de vidas, como de Catarina (p. 145).

### 3. A condenação a uma morte social subjetivada

Vita, a estação final de uma longa trajetória de saída de casa para Catarina, representa a conjuntura de um processo de inclusão e exclusão social. A trajetória etnográfica de Biehl nos permite adentrar em *Vita* nas condições de um *abandono*, de um *pária* ou de um condenado. A categoria *animal* estaria entre elas na medida em que pode ser a negação da humanidade. Diante disto, o autor afirma que *Vita is the world for a life that is socially dead, a destiny of death that is collective* (p. 40). Porém, a própria condição de ter um espaço onde morrer geraria o paradoxo de dar um tipo de *personhood* aos reclusos. Os livros que Catarina escreve, seus diários - lembrando que Biehl fomentou a sua continuidade - permitiriam-lhe manter, de alguma forma, ligações com um mundo exterior, e Biehl transformou-se em um grande canalizador disto.

O trabalho de Biehl, ao contrapor diferentes vozes, parece o trabalho de um perito na procura de uma verdade que nunca pode existir além das próprias subjetividades que ele mesmo propõe. A questão do engajamento tem sido sempre um tema difícil e polêmico na antropologia. Além disso, o texto apresenta uma carga emotiva, uma retórica plasmada de uma vivência

---

76 Permito-me citar uma referência de Franco Basaglia, que pode ser ilustradora no que diz respeito às consequências de diagnosticar: “... desde el momento en que usted hace un diagnóstico, la etiqueta es inmediata, cuando usted dice esquizofrenia, en realidad quiere decir una cosa que no es la esquizofrenia sino lo que el médico entiende por ella, y lo que este entiende es un *juicio de valor*: bueno o malo (Basaglia *et al* 1979, p. 20, grifos meus)”.

e experiência que nos transpassam a dor, transformando-se numa etnografia difícil de ser lida. A escolha por seguir a trajetória da conjunção das práticas e dos discursos por trás dos diferentes atores envolvidos, e ainda, o engajamento de ir além desta trajetória para finalizar no descobrimento da enfermidade de Catarina<sup>77</sup>, um tipo específico de Ataxia, a enfermidade Machado-Joseph, que é um sistema múltiplo de degeneração do sistema nervoso central (p. 297), levam-nos a perguntar sobre os diferentes limites de nossa experiência antropológica. Assim *Ethnography became a missing nexus between the real Catarina's body and the imaginary of its mental and relational schemes, between the abandoned and the family, the house and the city, individuals and population in Vita* (p. 318).

Em *Tuhami* (1985) e *Vita* (2005), e por que não também em *Reflections on a Fieldwork in Morocco* (1975), de Paul Rabinow, podemos apreciar semelhanças, apesar da diferença temporal, espacial e de estilos nas narrativas. Semelhanças que residem na transposição do sentimento do etnógrafo, mais que em suas impressões. Porém, todas estas obras são *marginais* das obras relativas à pesquisa que se estava efetuando. Cabe perguntar-se, então, se é na marginalidade que o antropólogo encontra sua ousadia de abordagens e de temáticas.

## **Bibliografia**

- BASAGLIA et all. Razón, locura y sociedad. México: Siglo XX Editores, 1975.
- BIEHL, João. Vita. life in a zone of social abandonment. Berkeley: University of California Press, 2005.
- CRAPANZANO, Vincent. Tuhami. Portrait of a Moroccan. Chicago: University of Chicago Press, 1985.
- RABINOW, Paul. Reflections on Fieldwork in Morocco. Berkeley: University of California Press, 1977.

---

<sup>77</sup> Uma vez descoberta a doença, Biehl conseguiu um seguro de assistência social para Catarina e sua família.